

ISSN 0101- 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 119

MARÇO DE 2000



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Curso de Pós-Graduação em Letras



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS - PUCRS

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitora de Extensão Universitária

Professora Laury Garcia Job

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial**para Assuntos Lingüísticos**

José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral,

Leci Borges Barbisan, Regina Ritter Lamprecht,

Lêda T. Martins, Carmem Lúcia M. Hermadorea

Conselho Editorial**para Assuntos Literários**

Gilberto Mendonça Telles, Petrona Dominguez de

Rodríguez Pasqués, Regina Zilberman,

Monsenhor Urbano Zilles, Maria Eunice Moreira,

Carlos Alexandre Baumgarten

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$38,00

Exterior US\$30,00

Número avulso R\$12,00

Formas de pagamento:Cheque nominal à
EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS - BR

E-mail: edipucrs@pucrs.br

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
Pós-Graduação em Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

Composição:

PRINT LINE

Impressão:

EPECÊ

L649 LETRAS DE HOJE/Curso de Pós-Graduação em Letras

PUCRS, -n.1 (out. 1967)- - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático

Lingüística: Periódicos 80/05

Literatura: Periódicos 82/89 (05)

Periódicos: Lingüística (05)80

Periódicos: Literatura (05) 82/89

ISSN 0101-3335

Letras de Hoje

A variação no sistema

PUCRS

Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 35, nº 1, p. 1-354, março de 2000.

Sumário

Apresentação	5
Um balanço de dados e teoria no estudo da variação e da mudança fonológica <i>Hinskens, Hout and Wetzels</i> <i>Tradução de Marisa do Amaral</i>	7
A ordem V NP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica <i>Izete L. Coelho</i>	47
A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul <i>Ana M. S. Zilles</i>	75
Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais <i>Edair Gorski</i>	97
Pronome da Segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira <i>Odete P. da Silva Menon</i>	121
Estudo de uma hipótese semântico-pragmática para a omissão de clíticos pronominais <i>Izabel C. Seara</i>	165
A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis <i>Gessilene Silveira</i>	189

A concordância de número nos predicativos/participios passivos na fala do Sul do Brasil – motivações extra-lingüísticas <i>Juçá F. Vazzata-Dias</i>	209
Influência de variáveis sociais sobre um fenômeno semântico-discursivo <i>Maria Alice Tavares</i>	229
A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do Sul do Brasil <i>Elisa Battisti</i>	255
O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do Sul do Brasil <i>Valéria N. de Oliveira Monaretto</i>	275
A epêntese vocálica no Português do Sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela teoria da otimalidade <i>Gisela Collischonn</i>	285
A elisão, uma regra variável <i>Leda Bisol</i>	319
A preservação da lateral alveolar na coda: uma explicação possível <i>Maria Tasca</i>	331

Apresentação

Este número de Letras de Hoje traz as primeiras análises do projeto VARSUL, Variação Lingüística Urbana no Sul do Brasil, assim denominado um Banco de Dados organizado nos moldes da metodologia laboviana.

Com o objetivo de descrever aspectos do português falado no Sul, esse banco, cujos dados foram coletados no período de 1989 a 1996, havendo iniciado um ano antes no Rio Grande do Sul, está sediado nas seguintes Universidades: Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica, RS. São 288 entrevistas transcritas e armazenadas, cada uma das quais com cerca de uma hora de gravação; 96 por Estado, representado por grupos étnicos ou culturais expressivos, da seguinte forma:

Paraná: Curitiba, Londrina, Ivoti e Pato Branco.

Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages.

Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Diferentemente do projeto NURC, Norma Urbana Culta, os informantes deste banco não possuem curso superior, mas como aqueles devem ter vivido na região a maior parte de suas vidas e não ter menos do que 25 anos de idade. A intenção de ampliar o banco já está sendo posta em prática. Vazios de faixas etárias deverão ser cobertos e informantes cultos, entrevistados.

O conjunto de artigos que aqui se apresenta é uma pequena amostra das intenções que motivaram a longa e cuidadosa coleta de dados: a de oferecer um material suficientemente rico para descrever fatos lingüísticos e testar a validade de propostas teóricas. Esses artigos, que dão início a uma nova etapa do projeto estão distribuídos em duas áreas: os que desenvol-

vem temas relacionados à sintaxe da frase e do discurso e os que desenvolvem temas fonológicos.

Entre os primeiros, Izete Lehmkuhl Coelho discute a ordem NP_V e V_NP à luz da sintaxe gerativa, tema também de Ana Maria Stahl Zilles que o vê na perspectiva funcionalista; nesta linha, Edair Gorski trata da ordenação de orações temporais; Odete Pereira da Silva Menon discute as variáveis tu/você/senhor; Izabel Christine Seara desenvolve um estudo sobre o apagamento do clítico anafórico; Gessilene Silveira detém-se nas variáveis que favorecem a manifestação do objeto indireto na forma pronominal; Juçá F. Vazzata-Dias, como regra variável, estuda a concordância de número em predicativos e participios passivos e Maria Alice Tavares cuida dos marcadores discursivos.

Os segundos dizem respeito à fonologia: Elisa Battisti detém-se na redução do ditongo nasal átono; Valéria Monareto, no apagamento da vibrante; da degeminação, trata Gisela Collischonn; da elisão, Leda Bisol e finalmente Maria Tasca cuida da lateral pós-vocálica. Considerações sociolingüísticas entretecem-nos, mas a maior parte tem o apoio da teoria fonológica.

O artigo introdutório, que incluímos com a licença de seus autores Hinskens, van Hout e Wetzels, traduzido por Marisa Porto do Amaral, faz um balanço entre a teoria e dado, oferecendo elementos para melhor compreensão do papel da regra variável no sistema.

LEDA BISOL

*Um Balanço de Dados e Teoria no Estudo da Variação e da Mudança Fonológica**

*F.Hinskens, R.v. Hout and W. Leo Wetzels
Tradução: Marisa Porto do Amaral***

Introdução

Durante a segunda metade deste século, a lingüística tem mostrado uma evolução contínua para a fragmentação, resultando numa quantidade de disciplinas diferentes, com variação e mudança lingüísticas tornando-se o objeto da lingüística histórica, da dialetologia, da sociolingüística e - em certo grau - da lingüística crioula. Como um efeito terminológico lateral, a palavra *lingüística* limitou seu escopo semântico, referindo-se, quase sempre, ao estudo das *áreas-centro* da gramática: fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica (conforme livros-textos introdutórios recentes como O'Grady, Dobrovolsky & Aronoff 1997:10). Enquanto as *áreas-centro* da lingüística são mais concernentes aos aspectos dos sistemas lingüísticos, sob uma orientação sincrônica, basicamente teórica em sua metodologia, as disciplinas *periféricas*, tais como a dialetologia e a sociolingüística, dizem mais respeito aos aspectos de uso da língua, com uma orientação inerentemente diacrônica

Agradeço ao Prof. W. Leo Wetzels a autorização para traduzir este texto, publicado originalmente em Hinskens, F., von Hout, F. and Wetzels, W.L. (eds). *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997. Agradeço, também, às professoras Leda Bisol (PUCRS) e Gisela Collischonn (UFRGS) pela leitura da tradução e por suas valiosas sugestões.

** Fundação Universidade Federal do Rio Grande

e, acima de tudo, uma metodologia guiada pelos dados. Em geral, especialmente nas áreas *periféricas* há uma diversificação crescente nos tipos de dados estudados; afora a produção, também os dados da percepção e da compreensão são investigados: além de dados *espontâneos*, os dados experimentais desempenham seu papel cada vez mais (cf. Stemberger 1992).

Sem dúvida, a diferenciação metodológica e teórica que aconteceu durante as últimas décadas, e que levou à emancipação as disciplinas emergentes, produziu *insights* que, de outro modo, não teriam sido atingidos. Da mesma forma, representantes do estudo de variação linguística tentaram implementar suas análises na principal corrente da linguística teórica, como é mais visível no trabalho de William Labov e David Sankoff, que desenvolveram o formalismo de regra, introduzido em Chomsky & Halle's (1968) *The Sound Pattern of English*, doravante SPE, num formato capaz de expressar o peso relativo de fatores tanto internos quanto externos na variação fonológica (cf. Sankoff & Labov 1979; Sankoff 1987). De uma maneira comparável, atualmente são feitas tentativas para ligar a análise estatística ao formalismo da Teoria da Otimidade, como mostram alguns trabalhos de uma emergente geração de linguistas. Do ponto de vista de uma teoria integrada da língua, que incorpore tanto a gramática quanto os vários aspectos de seu uso real, a implementação direta dos dados estatísticos na gramática parece benéfica.

Apesar do progresso evidente no estudo de variação linguística no último decênio, muito da pesquisa real concentra-se ainda em fatos isolados, e tende a perder de vista as relações estruturais entre fenômenos linguísticos. Por outro lado, nem todos os linguistas orientados mais teoricamente parecem estar suficientemente cômicos de que a variação é uma característica essencial da língua, tanto quanto um pré-requisito para a evolução linguística. Como foi apontado por Kiparsky: "heterogeneidade e variação não são anormalidades, mas parte da condição normal da língua" (1988:370). Os poucos linguistas teóricos que mostram sensibilidade para o problema da variação rara-

mente têm idéias claras com relação ao lugar da variação linguística em seus modelos.

A questão da importância relativa dos dados empíricos para a construção de teorias é antiga e, certamente, parte da proliferação de disciplinas linguísticas originou-se como uma reação contra a hipótese da invariância, um importante instrumento metodológico da principal corrente de linguística teórica. O perigo da alienação das áreas mais orientadas para os dados da teoria linguística não é só aparente, mas, segundo Goldsmith, existe um perigo real "de 'Balcanização' da linguística - a lamentável falta de comunicação entre modelos ou paradigmas" (1992:161-62).

1. 'Background' fonológico

Como vimos na seção anterior, a linguística moderna é caracterizada pela diversificação crescente nos tipos de dados considerados. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento pós-SPE de várias (sub)teorias, algumas das quais representam módulos específicos na organização total da gramática fonológica, tornou disponível uma série de novas maneiras de análise. Há quase três décadas, DeCamp escreveu: "Apesar da aparente hostilidade inicial, o modelo gerativo-transformacional é mais acolhedor para a sociolinguística do que qualquer teoria já conhecida" (1970:162). Hoje, definitivamente, DeCamp estaria mais do que feliz quanto aos desenvolvimentos que aconteceram desde então. De acordo com Auer (1997: 80), esses desenvolvimentos tornaram a teoria fonológica mais receptiva à variação, pelo menos em parte, porque os modelos fonológicos são hoje mais bem equipados para tratar com regras fonológicas tardias.

1.1 Fonologia gerativa não-linear

Desde a primeira apresentação da fonologia gerativa por Noam Chomsky e Morris Halle (1968), a teoria fonológica passou por um número de modificações espetaculares. Há pouco menos de 30 anos, foi desenvolvido um modelo bem articulado que, em vez de ser uma teoria monolítica, representa um número de diferentes subteorias, globalmente referidas como fonolo-

gia 'não-linear', que juntas definem os contornos descritivos e explanatórios das gramáticas fonológicas da linguagem humana. Embora seja ainda uma teoria 'gerativa' uma vez que supõe a existência de diferentes níveis de representação conectados pelas regras, a fonologia não-linear é, em muitos aspectos, fundamentalmente diferente do modelo clássico, exposto em *The Sound Pattern of English*. As maiores diferenças são as seguintes:

- Os autores do SPE não reconheceram a sílaba como uma unidade descritiva necessária. Esta decisão foi logo rechaçada por incorporar uma lamentável ruptura com a tradição fonológica. Argumentou-se convincentemente, em especial, através de Vennemann (1972) e Hooper (1976), que não se podia fazer uma teoria explicativa da fonologia sem o conceito de sílaba, a qual tornou-se reabilitada completamente na fonologia não-linear.¹ A Teoria da Sílaba também trata da estrutura interna da sílaba, mais particularmente da questão de quanta estrutura interna é necessária para expressar generalizações fonologicamente significativas.

- Na fonologia gerativa linear o acento foi representado por um traço segmental. Por isso, a teoria fonológica foi forçada a incorrer numa inconsistência formal, permitindo a esse traço ser multivalorado ([acento1], [acento2], [acento3], etc.), enquanto todos os outros traços eram pretensamente binários. Na Teoria Métrica, o acento é tratado de uma forma que difere fundamentalmente da proposta no SPE. Não se considera mais que o acento representa uma propriedade inerente de vogais, mas uma propriedade relativa da rima da sílaba (núcleo e coda). O grau do acento para uma dada rima é derivado da posição de tal rima numa estrutura prosódica hierárquica, envolvendo o pé e os domínios da palavra.² Ou seja, o estudo das categorias prosódicas fonologicamente relevantes, que também envolve domínios maiores do que a palavra fonológica, tais como o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entonacional, etc. é o objeto da Fonologia Prosódica.

- Na fonologia linear os sons da fala são representados como conjuntos desordenados de traços ou matrizes de traços. Todo segmento é (positiva ou negativamente) especificado para

todos os traços, e as regras fonológicas substituem matrizes plenamente especificadas por outras, e apagam ou epentetizam matrizes plenamente especificadas. Com isso, a teoria é incapaz de expressar, de uma maneira não arbitrária, o fato de que um traço pode se estender a domínios maiores do que um único segmento. Tampouco pode explicar por que alguns traços atuam juntos nos processos fonológicos, enquanto outros nunca o fazem. A Fonologia Auto-segmental (e, igualmente, a Geometria de Traços derivada) expressa a autonomia do traço individual tão bem quanto a relativa solidariedade entre traços. Esta abordagem estabeleceu um segmento estruturado hierarquicamente que permite às regras fonológicas manipularem diretamente traços individuais ou grupos de traços reunidos sob nós estruturais. A assimilação é tratada como espraçamento de traços ou feixes de traços, permitindo criar estruturas em que os segmentos compartilham o mesmo (conjunto de) traço(s).

- No SPE, a distinção pré-gerativa entre regras de fonologia (alofonia) e regras de morfofonologia foi abandonada. Como consequência, o fato de que as línguas têm regras com grupos de características³ diferentes foi considerado um fato acidental, ou pelo menos, irrelevante, pela maneira com que os falantes nativos organizam seu conhecimento sobre os padrões fonológicos de sua língua. Na Fonologia Lexical, a importância dessa dicotomia é restabelecida de uma maneira um pouco diversa pelo reconhecimento de duas classes diferentes de regras, regras lexicais, que interagem com a morfologia, e regras pós-lexicais, que são insensíveis à estrutura interna da palavra.

No estudo de Labov (1997), o processo de (re)silabação entre palavras é abordado. O autor investiga se o apagamento de /t,d/ em final de palavra é influenciado pela possibilidade das plosivas coronais formarem um onset aceitável com a consoante seguinte de início de palavra. Os domínios prosódicos de ordem mais alta da palavra fonológica e da frase fonológica desempenham um importante papel no estudo de Auer (1997b) sobre as relações de co-ocorrência entre variáveis lingüísticas. Em sua análise da dissimilação da soante nas línguas românicas, Lloret (1997) argumenta que as propriedades de traços das

soantes são mais bem captadas pelo modelo da geometria de traços de Avery & Rice (1993).

1.2 Teoria da Otimidade

Um afastamento muito mais radical do modelo da fonologia gerativa padrão está representado pela Teoria da Otimidade ou TO, recentemente proposta (Prince & Smolensky 1993; McCarthy & Prince 1994). Aqui o ordenamento extrínseco das regras específicas da língua não existe mais. Ao contrário, adota-se um conjunto de restrições universais, o qual determina o modo como a estrutura de superfície pode afastar-se das representações lexicais. A única capacidade gerativa do modelo está numa função chamada GEN, para 'gerador', estipulada pela Gramática Universal. GEN projeta um conjunto ilimitado de possíveis candidatos a output de uma única forma lexical de input. É tarefa dos aprendizes da língua descobrir o que são as representações lexicais dos morfemas de sua língua e qual é a importância relativa que ela atribui às restrições universais (potencialmente conflitantes). Todas as análises candidatas da forma lexicalizada são avaliadas de acordo com seu sucesso em concordar com o conjunto ordenado de restrições. O candidato que melhor satisfaz as restrições é selecionado como ótimo. Desta maneira, ao contrário das teorias anteriores da fonologia, o candidato output não é o resultado de uma operação executada no input. Ele é parte do conjunto projetado pelo GEN e selecionado pela avaliação paralela de todos os possíveis candidatos. Para ilustrar o *ranking* de restrições e a avaliação do candidato na Teoria da Otimidade, observaremos o conhecido processo de Dessonorização da Sílabas Final, com base em Mascaró & Wetzels (1999).

A dessonorização pode ser analisada como o efeito de três propriedades gerais da gramática universal, que são formuladas adequadamente como restrições em (1) abaixo. A primeira restrição requer que as propriedades segmentais, [α sonoro]⁴ neste caso, sejam preservadas em ataques, mas não necessariamente em codas. Outra (1c), capta o caráter não-marcado de [-sonoro] nas obstruintes, estabelecendo que elas

devam ser surdas. Finalmente, a restrição (1b) expressa a condição geral de que [α sonoro] no output seja fiel a [α sonoro] no input.

- (1) a IDENT(SONORO, ONSET)
Elementos correspondentes (i.é., lexicais e de superfície) têm valores idênticos para sonoro no onset.
- b. IDENT (SONORO)
Elementos correspondentes (i.é., lexicais e de superfície) têm valores idênticos para sonoro.
- c. *SONORO/OBSTRUINTE
Segmentos [-soante] não podem ser sonoros.

As restrições formuladas em (1) acima são de dois tipos. As restrições (1a,1b) são parte do conjunto chamado Restrições de Fidelidade, que impõem uma correspondência fidedigna entre representação lexical e forma de superfície. A restrição (c) é um membro do conjunto universal Restrições de Boa Formação. IDENT (SONORO, ONSET) é uma relação de subconjunto com IDENT (SONORO), e então o ordenamento é universalmente estabelecido como IDENT (SONORO, ONSET) >> IDENT (SONORO).⁵ Há, desta maneira, três ordenamentos possíveis para as restrições:

- (2) a. IDENT (SONORO, ONSET) >> IDENT (SONORO) >> *SONORO/OBSTRUINTE
- b. *SONORO/OBSTRUINTE >> IDENT (SONORO, ONSET) >> IDENT (SONORO)
- c. IDENT (SONORO, ONSET) >> *SONORO/OBSTRUINTE >> IDENT (SONORO)

Visto que, idealmente, qualquer ordem das restrições em (2) representaria uma língua natural, três possíveis efeitos de sonoridade são previsíveis: não contraste de sonoridade, contraste de sonoridade, mas não dessonorização de coda, e dessonorização de coda. No primeiro caso, a fidelidade dos valores da sonorização subjacente será garantida pela posição superordenada das restrições de IDENT, e o resultado não será desso-

norização como é ilustrado para o inglês em (3) abaixo. Se *SONORO/OBSTRUINTE dominar as outras duas restrições, as obstruintes sonoras serão totalmente proibidas. Isto explica línguas como o havaiano, a que faltam distinções de sonoridade em seu inventário lexical e na superfície. No terceiro caso *SONORO/OBSTRUINTE está ordenado entre as duas restrições de fidelidade. Já que IDENT (SONORO, ONSET) domina *SONORO/OBSTRUINTE, os onsets permanecerão fiéis aos valores de sonoridade subjacente; as codas não, uma vez que *SONORO/OBSTRUINTE domina IDENT(SONORO) ao mesmo tempo. As codas obstruintes serão capazes de violar a fidelidade do *input* para satisfazer *SONORO/OBSTRUINTE, e elas mudarão seu valor de sonoridade subjacente para 'surda.' Isto está ilustrado em (4) para o alemão.

Na TO, a avaliação está representada na forma de um tableau de restrições, que deve ser interpretado como segue. A ordem da esquerda para a direita indica o "ranking" de restrições de cima para baixo. As violações de restrições são marcadas com um asterisco. A violação de uma restrição particular não elimina automaticamente o candidato a ser considerado em seguida. A violação da restrição é fatal para um dado candidato, quando há pelo menos um outro candidato que não viola a mesma restrição, ou a viola menos. As violações fatais são marcadas por *!. Em caso de violação fatal, as células que correspondem às restrições ordenadas mais abaixo são sombreadas para marcar que a avaliação para satisfação dessas restrições é desnecessária. O símbolo ☞ identifica o candidato ótimo.

(3) Inglês: nenhuma dessonorização de coda em *jazzband*

ja[z b]and	IDENT(VO,ONS)	IDENT(VO)	*VOICE/OBSTR
☞ ja[z b]and			**
ja[s b]and		*!	*
ja[z p]and	*!	*	*

(4) alemão: dessonorização da coda Hau[s d]iener 'criado'

Hau/z d/iener	IDENT(VO,ONS)	*VOICE/OBSTR	IDENT(VO)
Hau[z d]iener		**!	
☞ Hau[s d]iener		*	*
Hau[z t]iener	*!	*	*

Como mostram claramente os tableaux em (3) e (4), as diferentes tipologias de dessonorização são o resultado de um ordenamento diferente das restrições relevantes.

Na verdade, a TO parece oferecer um modelo teórico que é bem apropriado para lidar com a variação histórica e geográfica. Além disso, diferentes tentativas vêm sendo feitas para explicar a variação quantitativa e estilística na TO. As propostas para lidar com os padrões quantitativos podem ser assim classificadas:

- i) *Ordenamento completo de restrições em gramáticas de competição* (ver também Kiparsky 1993).

A visão subjacente desta abordagem é remanescente da análise 'letal' de variação quantitativa, com base nas técnicas das escalas implicacionais (Bailey 1973; Bickerton 1973), em que cada 'leto' é abordado como uma gramática categórica de si próprio. Os padrões quantitativos são a consequência de estratégias de escolha entre gramáticas. Embora Van Oostendorp omita o aspecto quantitativo, sua contribuição é ilustrativa da análise de uma gramática em competição. O autor começa a partir das hipóteses: (a) Todos os níveis de estilo (ou 'registros') constituem gramáticas sutilmente diferentes e (b) quanto mais elevado o nível de estilo, mais alto as restrições de fidelidade são ordenadas. Ele analisa a *liaison* do francês na *conversa familiar, na conversa cuidada, no discurso e na leitura*, a redução vocálica holandesa nos níveis de estilo formal, semiformal e informal, e a epentese da vogal turca em empréstimos na fala cuidada, menos cuidada e coloquial. Em cada caso, as diferenças entre níveis de estilo são explicadas por meio de diferenças mínimas no ordenamento de restrições. De modo interessante, o autor alega que um tipo de análise da TO permite "tomar dois

níveis de estilo quaisquer num sistema lingüístico e predizer qual dos dois é o mais formal”.

- ii) *Ordenamento parcial de restrições*, por duas opções:
 - a) restrições não ordenadas (Anttila 1997b),
 - b) restrições flutuantes (Reynolds 1994, Nagy & Reynolds 1997).

Anttila argumenta sobre a possibilidade de haver ordenamento parcial de restrições, produzindo múltiplos vencedores como output. No caso de alomorfa do genitivo plural do finlandês, a gramática subdetermina o output. O ordenamento completo tem seu preço, pois ao acrescentar ordenamentos fixos complica-se a gramática. Os modelos de variação são produzidos dentro da mesma gramática. Nagy & Reynolds obtêm o mesmo efeito, permitindo flutuarem as restrições. Esta propriedade de flutuação é definida como segue: “We propose floating constraints, whereby some particular constraint within a single grammar may be represented as falling anywhere within a designated range in the ranking hierarchy” (1997:37). Borowski & Horvath (1997) reconhecem as duas opções de não-ordenamento e flutuação como relevantes para seus dados, mas, uma vez que não se preocupam com uma previsão precisa dos padrões quantitativos, deixam sua preferência em aberto.⁶

A Teoria da Otimidade parece ser uma fonte de inspiração para o estudo da mudança e da variação. A teoria é ainda nova, e muito fica por ser pesquisado. Como sempre, nem toda proposta se mostrará satisfatória com o tempo. Uma discussão crítica e um teste empírico da prática, aliás pacífica, da TO de ‘explodir restrições’ em ‘famílias de restrições’ para explicar a variação quantitativa pode, por exemplo, ser encontrada em Guy (1997) (ver também Pierrehumbert 1994: 245 e Auer 1997: 69 para discussão crítica de outros aspectos).

2. Explicando a variação e a mudança na lingüística histórica, dialetologia e sociolingüística

De acordo com Bloomfield (1933: Cap. 1 e seguintes), o estudo sistemático, científico da língua começou com as tentativas dos neogramáticos, um grupo de filólogos alemães do século dezenove, e seus predecessores imediatos, para estabelecer as relações históricas entre as línguas indo-europeias como também a sua evolução individual. Inicialmente, eles focalizaram a regularidade das correspondências entre os sons das diferentes línguas e a estrutura sonora da protolíngua hipotética. Para este fim, os neogramáticos elaboraram e refinaram os métodos de comparação externa e reconstrução interna, ainda utilizados de forma essencialmente idêntica na *lingüística histórica* contemporânea.

A descoberta de quantidades significantes de contra-evidência aparente ou real (‘formas residuais’) contra a hipótese neogramática de que a mudança fonética era regular e sem exceção, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da *dialetologia*. A maior diferença entre a dialetologia e a tradição neogramática é o fato de que os assuntos extralingüísticos (tais como a geografia, as fronteiras naturais e artificiais, os efeitos culturais que centros administrativos e econômicos podem ter na ‘periferia’ de uma área lingüística etc.) desempenham um papel explícito na dialetologia. Nesse aspecto, a *sociolingüística* pode ser vista como uma continuação da abordagem neogramática sobre o estudo da mudança fonética. Entretanto, em vários outros aspectos, o desenvolvimento da dialetologia para a sociolingüística é marcado por importantes rupturas, tanto conceptual quanto metodologicamente.

Os *neogramáticos* distinguiram mudança fonética da analogia e do empréstimo. A mudança lingüística, no sentido estrito, toma a forma ou de mudança fonética, que é foneticamente motivada, ou de mudança analógica, que é de natureza morfológica. No centro da posição neogramática está a sustentação de que a mudança fonética é um fenômeno meramente mecânico, fisiologicamente induzido. Logo, supunha-se que

operava cegamente, não permitindo exceções. Por este motivo, a noção de 'lei fonética' (no alemão, *Lautgesetz*) foi introduzida. Entretanto, os neogramáticos sempre deixaram a porta aberta para tipos de mudança lingüística diferentes da mudança fonética. Um desses é o empréstimo de sistemas lingüísticos co-existentes, de outros dialetos ou de outras línguas. As formas residuais podem também ser explicadas como o resultado ou da analogia ou de mudanças fonéticas em competição. Uma importante diferença entre os processos de analogia e de mudança fonética (mecânica) é que a primeira é mais claramente motivada pela gramática, corrigindo a falta de regularidade em paradigmas morfológicos causada pela mudança fonética.

Ao contrário da posição dos neogramáticos, somente poucos processos da mudança lingüística que foram completados parecem ser inteiramente sem exceção. Dentro de uma área lingüística, podem-se encontrar dialetos que não se submetem a uma certa mudança histórica. Nem toda mudança lingüística atinge necessariamente em cheio a extensão geográfica da comunidade lingüística. Além disso, na gramática e no léxico de um único dialeto, formas regulares e excepcionais podem freqüentemente ser encontradas, existindo lado a lado. Este fato tem levado alguns estudiosos a concordarem com a idéia de que especialmente a mudança fonética tende a ser esporádica. Em resumo, tanto a difusão extensiva como a intensiva da mudança lingüística podem ser incompletas. Com relação à difusão intensiva da mudança lingüística, a distinção entre o tipo neogramático de mudança fonética (que é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta) e a mudança fonética lexicalmente difusa (que é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual - Scheutz 1987: 1608), a chamada 'controvérsia neogramática', tem sido o objeto de uma troca de idéias particularmente produtivas entre Labov e Kiparsky. Na sessão 4.1 abaixo, voltaremos brevemente a esse assunto.

Como a lingüística histórica, a *dialetologia* lida com os resultados de processos de mudança passados. Contudo, o objeto da dialetologia não é uma descrição diacrônica ou a comparação de diversas fases históricas de uma língua, mas uma descri-

ção da diversidade dialetal sincrônica. A variação através de dialetos resulta tipicamente de números extensos de exceções em algum processo de mudança lingüística.

Como muitos trabalhos em lingüística histórica, a dialetologia tradicional implicitamente supõe que os sistemas lingüísticos sejam homogêneos, o que é manifestado claramente no fato de que a maioria das pesquisas está baseada na produção de um ou poucos informantes para cada variedade.

Um dos grandes méritos da dialetologia tem sido o de oferecer um forte corpo de evidências empíricas, mostrando que a conceituação neogramática arquetípica da mudança lingüística é bastante parcial, e, particularmente, que a alegada excepcionalidade da mudança fonética comumente não implica 'uniformidade', embora, em princípio, não exclua regularidade.

As descobertas da lingüística histórica e da dialetologia levaram ao *insight* de que, desconsiderando sua origem, um processo de mudança lingüística que não se completou em alguns aspectos resulta na variação entre e/ou dentro das variedades.

Com respeito à possibilidade de serem observados os processos de mudança lingüística, Bloomfield (1933), como muitos de seus contemporâneos, foi pessimista. Ele estava convencido de que somente a mudança analógica e o empréstimo podem ser observados de alguma forma. Esse pessimismo não é compartilhado por muitos *sociolingüistas*. Visto que Labov (1966) demonstrou que a variação lingüística pode ser uma fatia sincrônica de um processo de mudança em andamento, está claro que o estudo da variação lingüística é de interesse inerente para a lingüística histórica. Assim, enquanto os esforços da lingüística histórica e da dialetologia tornaram claro que os processos de mudança lingüística que não se completaram de certo modo, resultam em variação, investigações sociolingüísticas do tipo laboviano mostram que a variação sincrônica é tipicamente uma fase dentro de um processo que pode eventualmente resultar numa mudança categórica. A variação quantitativa é uma condição necessária, mas, como tal, não suficiente

para a mudança lingüística, como prova a existência de exemplos de variação estável

A atenção sociolingüística está concentrada na heterogeneidade dentro dos sistemas lingüísticos. A limitação da pesquisa à variação intrassistêmica em sociolingüística deve ser explicada primeiramente como uma reação contra a idealização explícita que era típica da abordagem gerativa clássica da língua como um sistema homogêneo. O mérito da sociolingüística não é tanto porque acentua a heterogeneidade dos sistemas lingüísticos, mas antes porque desenvolveu técnicas - essencialmente quantitativas - capazes de revelar a ordem que existe na heterogeneidade. De fato, muitos exemplos da alegada 'variação livre' voltaram a ser casos de 'heterogeneidade disciplinada'. A aplicação dessas técnicas e métodos levou também a *insights* mais gerais, como o fato de que a heterogeneidade de hoje pode vir a ser, no futuro, uma mudança em andamento.

Uma quantidade considerável de literatura sociolingüística sobre variação e mudança fonológica tem-se acumulado nos últimos 25 anos. Muitos dos modelos que tratam da interação entre fatores internos e externos na emergência e na distribuição da mudança fonológica não são, na essência, muito diferentes daqueles apresentados em Labov (1972: Cap. 7) e Kroch (1978).

Uma área da pesquisa sociolingüística inteiramente diferente, embora igualmente produtiva, é a que se interessa pelas conseqüências estruturais do contato de línguas. Tradicionalmente, a maior parte do trabalho sobre contato de línguas focalizou questões morfosintáticas;⁷ na última década, mais atenção foi prestada às questões da fonologia e da morfofonologia (Campbell 1997).

De acordo com a prática geral, nós usamos a noção de variação para referir-nos tanto à variação quantitativa intrassistêmica quanto à intersistêmica, i.é., variação entre dialetos relacionados. O primeiro caso envolve fenômenos não categóricos, o segundo diferenças entre variedades relacionadas quanto à natureza ou à distribuição de elementos ou estruturas (categóricas ou variáveis).

Enquanto a atenção em *lingüística histórica* está focalizada sobre (aspectos de) o sistema da língua, seja em seu desenvolvimento diacrônico ou em sua relação histórica com outros sistemas, a *sociolingüística* analisa vários produtos de uso da língua, tipicamente fala gravada. Assim, a lingüística histórica, como a dialetologia, investiga os produtos da mudança passada na 'langue'. A sociolingüística, por outro lado, investiga o processo de mudança na 'parole'. O importante na diferença é qual aspecto da mudança é examinado: enquanto a lingüística histórica freqüentemente limita seu estudo aos resultados de generalidade intensiva, na dialetologia a atenção é centralizada na reflexão territorial da generalidade extensiva. A sociolingüística geralmente estuda tanto a generalização extensiva quanto a intensiva da mudança em andamento numa dada comunidade de fala, comumente uma cidade ou alguma vila.

Além das diferenças fundamentais em orientação que existem entre lingüística histórica e sociolingüística, há também diferenças básicas na metodologia. Essas diferenças referem-se a aspectos como:

- a natureza dos dados: escritos (lingüística histórica) ou orais, eliciados ou espontâneos;
- os meios pelos quais o material é coletado: 'o método da poltrona' (lingüística histórica) ou 'método do gravador';
- os tipos de análises: quantitativa, estatística (raramente usada, algumas vezes não possível de ser realizada, na lingüística histórica).

Também o fato de que a lingüística histórica freqüentemente tente seguir o perfil de grandes números de mudanças durante um longo período de tempo, enquanto a sociolingüística usualmente investiga uma quantidade comparativamente pequena de mudanças em grande detalhe afeta não só as questões de pesquisa, mas também o tipo de conclusões e inferências que são possíveis.

A despeito de muitas diferenças conceituais e metodológicas, há um *insight* que é compartilhado pela *lingüística histórica*, *dialetologia* e *sociolingüística*, isto é, o *insight* de que quanto mais próximos dois sistemas lingüísticos estão (no tempo, no

espaço ou nas dimensões sociais relevantes), maior o grau de similaridade. No que toca ao espaço geográfico e social, isto também resulta de processos tais como empréstimo e convergência. Contrariamente, a dissimilaridade estrutural tende a crescer com a distância (cf. Chambers 1995: 58-66).

3. A relevância da estrutura lingüística para o estudo da variação e da mudança

Em sua tendência por concentrar-se nas formas lingüísticas ao invés de nas estruturas, e em sua inclinação a estudar formas lingüísticas isoladas, a abordagem sociolingüística da variação e da mudança lingüística inequivocamente herdou alguns traços da dialetologia (ver também Chambers & Trudgill 1980: 38). Em muitos estudos sociolingüísticos, a posição metodológica implícita parece ser aquela que quanto menos uma descrição está embasada na gramática, mais fidedigna e útil ela é. Entretanto, esta é somente uma manifestação da difundida convicção de que um estudo empírico sólido da variação pouco tem a ganhar com a lingüística teórica em geral.

Indubitavelmente, aqueles que esperam da teoria lingüística uma resposta 'firme' para a questão seguinte - o que é um tipo possível ou impossível de variação, e, em segunda instância, o que é uma mudança gramatical possível -, ficarão desapontados. Mais especificamente: o presente estado da teoria lingüística raramente permite predições/explicações causais ou dedutivas da mudança lingüística. A estrutura de uma dada língua e/ou de uma teoria bem fundada permite, a princípio, algumas vezes, predições/explicações probabilísticas,⁸ mas, no estado atual de conhecimento, há muito pouco que a teoria lingüística passa prever com mais do que uma probabilidade razoável. Mesmo que a grande maioria dos lingüistas esteja atualmente convencida da existência de um dispositivo inato de aquisição da linguagem, nossa compreensão do que sejam exatamente suas propriedades é ainda muito pobre. No mínimo, tão pobre quanto nosso entendimento de como se relacionam uma teoria integrada da competência e uma teoria do desempenho.⁹ Nós só temos vagas idéias sobre como a competência

lingüística de uma língua é adquirida ou que componentes um modelo de desempenho deve conter, ou o que são exatamente as características desses componentes.

Muitos lingüistas acreditam, de fato, que a forma de uma gramática específica é um mecanismo dinâmico globalmente mantido por nossa capacidade inata para criar a língua, mas, além disso, sob constante pressão de um número de forças concorrentes. As línguas devem ser aprendidas, o que provavelmente explica parte de sua regularidade: se o caso sintático é expresso por uma ordem fixa de palavras ou por marcadores de caso morfológicos, se as categorias morfológicas são expressas por sufixos ou por modificações da raiz, os mecanismos usados são surpreendentemente regulares em todas as línguas. A regularidade é de fato típica em todas as áreas da gramática, incluindo a fonologia e a fonética. Conforme Labov indicou, a variação fonológica comumente leva a um estado de distribuição complementar regular entre o valor original de um som e uma nova variante contextualmente determinada. Mesmo as propriedades fonéticas de segmentos livres de contexto podem ser surpreendentemente homogêneas entre falantes de uma língua. O holandês, o inglês e o espanhol da Venezuela produzem sistematicamente [t] com contato dental, alveolar e interdental respectivamente. Universais tipológicos, freqüentemente apresentados na forma de leis implicacionais universais livres de contexto mostram uma clara preferência translingüística pelos segmentos articulatoriamente simples sobre os marcados ou complexos. Certamente, a percepção humana é uma força importante ao organizar os sistemas lingüísticos. Como Clements e Herz sugerem "articulatory organization is oriented towards the goal of achieving relatively stable acoustic outputs with optimal perceptual properties" (1995: 7). Nós podemos também esperar que as propriedades de uma gramática específica, uma vez que sejam dominadas, co-determinem o tipo de variação que provavelmente pode ocorrer. A variação é um ato de fala, mas "speech is a physical and a behavioral manifestation of cognitively-represented linguistic structure, and, as such, cannot be fully understood without reference to the linguistic

structure that underlies it" (Clements e Herz 1995: 2). Mesmo se todo o precedente estiver correto, nosso conhecimento de como exatamente os diferentes fatores mencionados contribuem para definir o espaço de variação possível - e de gramáticas possíveis, certamente - não está neste ponto detalhado o suficiente para fazer quaisquer predições certas (para uma discussão mais detalhada desse problema, ver Labov 1994). No entanto, isto não significa que nada possa ser dito. A ilustração seguinte é de um tipo de variação que parece ocorrer tipicamente em línguas com um sistema sonoro subjacente muito específico.

Em muitas línguas indígenas das Américas, mais especificamente da América do Sul, mas também da Austrália e de outras localidades, as oclusivas nasais podem mostrar uma alofonia intrincada, ilustrada pelos exemplos em (5), os quais são tomados da língua brasileira Kaingang.

(5)	[m]	[mã̃n]	'pegar'
	[m]	[ŋã̃m]	'quebrar'
	[mb]	[m ^b a]	'levando'
	[^h m]	[hi ^h m]	'rã'
	[m]	[mɔ̃mæʔ]	'medo'
	[^h m ^b]	[ke ^h m ^b a]	'testar'
	[m ^b]	[Φum ^b u]	'tabaco'
	[^h m]	[ha ^h mæ]	'ouça'

Provavelmente o traço da fonologia do Kaingang mais conhecido seja a ocorrência dos segmentos de contorno duplos e triplos, que ocorrem como alofones dos fonemas nasais /m, n, ñ, ŋ/. Alofones pós-oralizados¹⁰ ocorrem em início de sílaba antes de vogais orais, os alofones pré-oralizados ocorrem em final de sílaba depois de vogais orais, e alofones circum-oralizados são manifestações de superfície das consoantes nasais ambissilábicas entre vogais orais. Os diferentes alofones de /m/, assim como sua distribuição fonotática são representativos de todas as consoantes nasais em Kaingang (cf. Wetzels 1995). A classe de variação fonológica encontrada em Kaingang é de fato muito comum nas línguas indígenas da América do Sul, embora as nasais circum-oralizadas sejam um pouco menos

comuns do que as variantes pré ou pós-oralizadas.¹¹ Segmentos de contorno podem ser encontrados em Kuyawi, Yuhup, Hupda, Nukak, e Karua, todos membros da família Makú (Martins 1995). Eles ocorrem em Karo (família Ramarama - Gabas 1989), Maxacali (família Macro Jê - Gudschinsky, Popovich & Popovich 1970), Barasano do Sul (Tucano - Smith & Smith 1971), Guarani (Adelaar 1986), e muitas outras línguas.

A variação aqui discutida, que ocorre através de famílias de línguas, não é ouvida em qualquer das línguas indo-européias. Por exemplo, em francês, que, como kaingang, tem um contraste entre vogais orais e nasais, como em *pot* [po] 'pote', *pont* [põ] 'ponte', *beau* [bo] 'bonito', *bon* [bõ] 'bom', *mot* [mo] 'palavra', *mont* [mõ] 'montanha', os segmentos de contorno não ocorrem. Pode-se, então, perguntar se há alguma razão estrutural pela qual esses sons só ocorrem em certas áreas lingüísticas. Uma sugestão para uma explicação estrutural vem de Steriade, que escreve com relação aos segmentos circum-oralizados do kaingang: "The delay [in the onset of nasalization of the consonant] is obviously motivated by the fact that the preceding vowel is *distinctively* oral: had nasalization started on 'time', at the beginning of the stop closure, the possibility of anticipatory nasalization affecting the preceding vowel would have muddled the contrast between oral and nasal vowels" (1993: 448, com ênfase original). A explicação de Steriade é interessante, e pode muito bem ser o caso de que parte da motivação para a estabilidade relativa dos segmentos de contorno nessas línguas reside em seu efeito de preservação dos contrastes oral/nasal em vogais. Estamos relutantes em acreditar, no entanto, que a preservação do contraste vocálico é a *motivação* inicial para a existência desse tipo de alofonia. Primeiro de tudo, ela não dá conta da distribuição geográfica do fenômeno; por que os contornos não são encontrados em francês ou português? Segundo, há línguas que têm segmentos de contorno nasal/oral sem ter um contraste nasal nas vogais. Uma dessas línguas é Wari (família Chapakuara), descrita em Everett & Kern (1998). Wari tem [m^b] e [n^d] em variação livre com [m] e [n] em posição início de sílaba antes de vogais, que são sempre

orais na subjacência. Finalmente, parece ser menos fácil para as línguas manterem um contraste oral/nasal em vogais antes de uma consoante nasal do que depois. Conseqüentemente, poder-se-ia esperar que os segmentos de contorno fossem mais comuns em codas do que em onsets. Esta predição parece ser, pelo menos, duvidosa. Até onde a amostra relativamente pequena de línguas que temos à nossa disposição permite algumas conclusões fortes, o oposto parece ser verdadeiro: quase todas as línguas que têm consoantes nasais pré-oralizadas ([^bm]) também têm pós-oralizadas ([^bm]), enquanto a implicação oposta não é válida como em Wari. Uma exceção notável é Munduruku (família Tupi - Crofts 1993), que tem contornos na coda da sílaba, mas não no onset. No entanto, em Munduruku, as codas comportam-se de maneira excepcional, se comparadas aos onsets, e é esta diferença que torna a oferecer a pista estrutural para a presença de contornos nasais em todas as línguas mencionadas: enquanto Munduruku permite que o contraste triplo /p, b, m/ se realize no onset da sílaba, as plosivas sonoras são proibidas na posição de coda. De fato, em todas as línguas que têm o tipo de variação alofônica sob discussão, o sistema de consoantes subjacente é aquele onde a série sonora está completamente ausente. Isso sugere que os segmentos de contorno da espécie discutida têm uma motivação perceptual ao invés de articulatória, na hipótese de que um segmento com um contorno de sonoridade é perceptivelmente mais saliente do que um segmento com uma articulação sonora ou nasal 'plana'.¹²

O exemplo acima ilustra que a variação fonológica ou, nesse caso, a alofonia pode ser determinada por propriedades do sistema subjacente de segmentos. A tipologia lingüística é outra área onde os estudos de variação podem lucrar com os *insights* adquiridos pela lingüística teórica. Por exemplo, um fato bem conhecido é o de que as consoantes intervocálicas quase excepcionalmente funcionam como *onsets* da sílaba da qual a vogal imediatamente seguinte é o núcleo. Essa generalização é lingüisticamente quase categórica em palavras não-derivadas. Nas palavras derivadas, especificamente através de limites de

prefixo, como no alemão *ent=erben* ou no holandês *ont=erven* 'deserdar', e geralmente através de limites de palavra, exceções podem ser encontradas. A situação é um pouco diferente em relação aos onsets complexos. Muitas línguas não permitem que seqüências específicas formem onsets complexos em palavras derivadas de qualquer espécie, enquanto as mesmas consoantes obrigatoriamente se agrupam para formar onsets de sílaba em palavras não-derivadas. Por exemplo, no português brasileiro, a consoante final de um prefixo funciona como o onset da vogal inicial da base numa palavra como *desigual* 'unequal', diferentemente do holandês ou do alemão. Igualmente, em fronteiras de palavra, as sílabas sem onset são evitadas numa velocidade normal de fala. Entretanto, na mesma língua, um contraste de silabação na superfície pode ser observado entre /bl/ tautomorfêmica em *sublime* e /bl/ heteromorfêmica em *sublinhar* onde o [i] sobrescrito representa uma vogal epentética (opcional), que é tipicamente inserida depois de consoantes da coda no português brasileiro. Em kaingang, a seqüência /ŋr/ é um onset regular nas palavras não-derivadas. Na palavra /reŋre/ 'dois', derivada por reduplicação e pela infixação de /ŋ/, a seqüência /ŋr/ torna-se claramente um grupo heterosilábico com /ŋ/ ficando exclusivamente na coda da primeira sílaba, como pode ser derivado das propriedades de contorno da superfície. Foneticamente, a palavra aparece como [reŋre] ao invés da pronúncia esperada com o contorno triplo *[reŋre], que é típica de seqüências /ŋr/ não-derivadas, como em [ŋisŋre] da forma subjacente /ŋire/ 'dançar', onde /ŋ/ intervocálico é ambissilábico na superfície. Além disso, entre os grupos do tipo *muta cum liquida*, as seqüências /tl/ e /dl/ são relativamente raras lingüisticamente. Por exemplo, diferentes de /tr/, /dr/, /sl/, /pl/, etc., os grupos /tl/ e /dl/ são sistematicamente evitados nas línguas indo-européias (ver Wetzels 1985).

Os fatos acima mencionados representam algumas tendências translingüísticas bem conhecidas, e podem ser facilmente traduzidos como restrições na TO: a) as sílabas têm onsets: criam sílabas CV, b) alinhar as fronteiras de sílaba com

fronteiras de morfema/palavra: não criar sílabas CLV se alguma fronteira intervier entre C e L,¹³ e c) o OCP: evitar seqüências /t/, /dl/ que são compostas de segmentos quase idênticos quanto à constrictão e ao ponto de articulação. Se transpostas a uma situação variável de apagamento de consoante em final de palavra, que é um processo muito popular nos estudos de variação, essas regularidades nos permitem fazer a seguinte previsão (probabilística) com relação ao modelo quantitativo:

- (6)
- | | |
|-------------------|---|
| Apagamento mínimo | antes de palavras iniciadas por vogal; palavras iniciadas por líquida, exceto quando a consoante final for /t,d/ e a consoante inicial for /l/; antes de glides (?) |
| ↓ | |
| Apagamento máximo | em qualquer outra consoante |

A discussão acima refere-se a um exemplo simples e direto da maneira pela qual os estudos da variação podem contribuir para falsear afirmações derivadas de estudos tipológicos, que são comumente baseadas em dados lingüísticos invariantes. Exatamente esse tipo de estudo é empreendido por Labov. Ver também a contribuição de Guy (1997), especialmente com relação à prognosticada má-formação das seqüências /t/ e /dl/.

4. A relevância da variação e da mudança para as teorias fonológicas

Embora a variação e a heterogeneidade sejam uma parte inerente das línguas naturais, todas as teorias fonológicas posicionam a existência de um núcleo categórico (cf. Pierrehumbert 1994: 239). Aparentemente, sente-se a necessidade de distinguir entre dados centrais e dados quantitativos periféricos, entre fatos categóricos e variação livre 'irrelevante'. Todavia, a relevância de tal distinção não é auto-evidente. A área de tensão entre variações aceitas e rejeitadas como fatos relevantes é ilustrada pela seguinte afirmação de Labov:

"The basic mode of operation of linguistics and its raison d'être follow from the need to resolve this contradiction: we find in principle and in fact that some differences don't make a difference" (1975: 7).

O uso e a exploração de dados do uso da língua ajudam a clarear a tensão entre variação quantitativa e pesquisas teóricas. Este ponto é levantado explicitamente em Borowski & Horvath (1997), que fazem referência a Bailey, a quem elogiam por seu comprometimento ao integrar a variação e a teoria lingüística (Bailey 1973, 1982). Embora, como Borowski & Horvath observam, Bailey desdenha os dados quantitativos como tais, procurando explicar a variação e a mudança em termos de relações implicacionais determinísticas. De acordo com Bailey, os dados quantitativos ou estatísticos mostram apenas que fenômenos específicos são mais freqüentes do que outros, mas ele vai sugerir que "what is statistically LESS is lighter (less marked), slower, later and what is statistically MORE is heavier (more marked), faster, and earlier" (1973: 82, com ênfase original). Ele acrescenta que pode bem ser o caso de os falantes usarem o fato de que "a is more frequent than b is more frequent than c" para deduzir os modelos implicacionais entre a, b, e c. Conseqüentemente, os modelos quantitativos parecem ter adquirido o status de um fenômeno interessante, embora periférico. A partir de uma perspectiva otimista, pode-se interpretar a visão de Bailey sobre o assunto como uma sugestão para unir a lacuna entre as abordagens orientadas pelos dados e as orientadas pela teoria. Menos otimisticamente, pode-se concluir que os modelos quantitativos são desinteressantes para a interpretação teórica, a menos que possam ser elevados ao poder de escalas implicacionais, especificamente para pesquisadores da tradição de Bailey e Bickerton, entre muitos outros, que se apegam à crença de que todos os processos lingüísticos são basicamente determinísticos.

No prefácio do livro que editaram sobre abordagens simbólicas e estatísticas para a língua, Klavans & Resnik (1996) concluem que a hostilidade à quantificação tem sido uma propriedade dominante da lingüística moderna. O trabalho no pro-

cessamento da língua natural (daqui por diante PLN) foi dominado pela orientação teórica da gramática gerativa, que é um sistema simbólico governado por regras. No fim dos anos 80 e no início dos 90, o campo do PLN submeteu-se à mudança adotando com sucesso métodos e técnicas estatísticas indutivas (incluindo o uso de algoritmos de aprendizagem, já populares na pesquisa de aquisição da linguagem). Klavans e Resnik defendem a combinação de abordagens estatísticas e simbólicas, para o benefício de ambas, mas especialmente, de certo, para benefício do poder e da qualidade da pesquisa lingüística. Tal abordagem não está em conflito com o ponto de vista de Bailey, visto que apóia a tentativa de descobrir um equilíbrio adequado entre a construção da teoria e a coleta de dados.

Discutiremos brevemente a relevância dos dados de variação para a lingüística teórica sob os seguintes tópicos:

1. a relevância direta dos dados de variação para o desenvolvimento de teorias;
2. o teste empírico de teorias e modelos;
3. a emergência e a estrutura dos contínuos lingüísticos.

4.1 A relevância direta dos dados de variação para o desenvolvimento de teorias

Um velho problema da lingüística histórica e um problema que, exceto nas principais publicações de Labov (1981, 1994: caps. 15-18) e de Kiparsky (1988, 1995), tem recebido pouca atenção, refere-se à conhecida 'controvérsia neogramática'. Relaciona a distinção entre a mudança fonética neogramática, lexicalmente sem exceções de um lado, e a mudança fonética lexicalmente difusa, de outro. Parte do motivo para a falta de atenção dada a essa diferença reside indubitavelmente na complexidade do problema.

Labov (1981) apresentou uma visão geral das características - opostas - de dois tipos de mudança fonológica. Kiparsky (1988: 399; 1995) sugeriu analisar a distinção entre os dois em termos da tipologia de regras proposta na Fonologia Lexical. Nesta, a distinção é feita entre regras lexicais e pós-lexicais (cf.

seção 1.1 acima). A mudança fonética neogramática, que é sem exceções, não condicionada pela morfologia e que tipicamente não neutraliza uma oposição fonológica, resulta, conforme Kiparsky, de uma regra pós-lexical. Por outro lado, a mudança fonética lexicalmente difusa pode ser analisada como a extensão analógica simultânea de uma regra lexicalizada (structure-building) por meio da generalização do contexto da regra, acompanhada por uma mudança na marcação do traço afetado pela regra; a mudança de marcação afeta o léxico à maneira item por item (cf. Kiparsky 1995). Difusão lexical é o que pode acontecer a uma regra que perdeu sua produtividade (cf. Hinskens 1996). À luz do ciclo de vida de uma regra fonológica, que se inicia como regra de implementação fonética, torna-se uma regra fonológica pós-lexical, subseqüentemente adquire condicionamento morfológico e eventualmente deixa de existir, ficando algumas vezes, lexicalmente 'fossilizada', é de se esperar que um traço dialetal possa ser inteiramente 'sem exceções' em um dialeto, enquanto for lexicalmente difuso num dialeto irmão. São exemplos:

- a tensão e o levantamento de /æ/ em dialetos do inglês. No que concerne ao inglês americano, a 'regra' é lexicalmente difusa, por ex., nas cidades de Filadélfia e Nova Iorque (Labov 1994), mas pós-lexical nas cidades do norte e meio oeste (Columbus, Ohio, cf. Hartman Keiser et al. 1997);

- o apagamento do -t em final de palavra em diversos dialetos do holandês. O processo é pós-lexical em Nijmegen, por exemplo, pós-lexical e lexical em Limburg (cf. Hinskens 1992; Hinskens & van Hout 1994), mas foi lexicalizado no sul-africano, como também no vernáculo Black English,¹⁴ pelo menos em certos itens (cf. Labov 1972: 216).

A controvérsia neogramática constitui um exemplo claro de um importante e imanente, porém muito penoso, problema para um entendimento mais profundo de quais estudos de variação e de teoria fonológica necessitam dos insights um do outro. Obviamente, os dados referentes ao uso da língua terão um papel decisivo.

Há outras áreas onde os dados da variação são diretamente relevantes para a construção e testagem da teoria. Identificar o papel da estrutura externa, a exploração de bases de dados e a inclusão de mecanismos de probabilidade parecem instrumentos metodológicos importantes para a descrição e a explicação teórica da variação lingüística. Discutiremos brevemente esses aspectos aqui.

4.1.1 O papel da estrutura externa

Todos os tipos de variação podem ser altamente relevantes para o estudo da gramática. Os estudos sociolingüísticos mostram novamente que, dentro das comunidades de fala, padrões gradientes de variação existem e ocorrem, algumas vezes, com abundância e tenacidade. Similarmente, os contínuos dialetais geográficos repetidamente confirmam a natureza da variação gradual. Algumas vezes, as diferenças entre dialetos vizinhos também podem nos dar insights detalhados no tipo de diferenças categóricas que podem existir dentro de arcações estruturais tais como o diassistema (Weinreich 1954). Os conceitos de distância ou 'confinamento' são freqüentemente decisivos nas discussões sobre as relações entre os sistemas lingüísticos. De acordo com Smith: "Quanto mais próximos os sistemas comparados, mais próximas seriam as gramáticas desses sistemas. Sistemas quase idênticos teriam gramáticas diferindo minimamente." A plausibilidade da análise proposta de um dado fenômeno em um dialeto pode ser testada pela maneira como ela é implantada na gramática de um dialeto relacionado.

Conforme assinalamos na sessão 2 acima, o princípio da correlação positiva entre *proximidade* lingüística e extralingüística entre sistemas é o *insight* compartilhado pela lingüística histórica, dialetologia e sociolingüística. As dimensões externas de geografia, tempo e coerência social definem os domínios extralingüísticos dentro dos quais a lingüística analisa a estrutura lingüística. A dependência da variação e da mudança lingüística de propriedades inerentes dessas principais dimensões externas pode ser sumariada sob o título de *princípio da proximidade*. Inversamente, o estudo em profundidade das estruturas

sociais e das situações de comunicação em comunidades de fala melhorariam consideravelmente nossa compreensão de como e em que extensão as diferenças lingüísticas podem ser indicativas da estruturação extralingüística.

Pode ser difícil desembaraçar as forças internas e externas ativas nos processos de mudança lingüística. Analisar um processo específico de mudança em duas línguas intimamente relacionadas ou em variedades de línguas que são - e isto é crucial - estruturalmente idênticas no aspecto relevante, é uma maneira de avaliar o papel dos fatores extralingüísticos. A análise da incorporação da mudança na estrutura interna, de um lado, e a cuidadosa manipulação e controle dos fatores externos, de outro, são indispensáveis quando se começa a responder questões tais como em que extensão as similaridades num processo de mudança lingüística em sistemas relacionados são motivadas por tendências internas comuns - ou mesmo universais - ou antes por fatores externos comuns.¹⁵

4.1.2 A utilização de bases de dados

Essa prática pode ser observada no estudo da aquisição da primeira língua, onde o banco de dados CHILDES catalisou o uso comparativo, a coleta, e a troca de bases de dados com dados espontâneos, falados da língua materna (MacWhinney 1995). O uso de recursos do computador leva quase inevitavelmente à utilização de mais e maiores bases de dados. Ao mesmo tempo, a qualidade dos dados é aperfeiçoada pela incorporação de esquemas de códigos crescentes, flexíveis e pelo acréscimo sistemático de informação em vários níveis (anotações). A exploração de dados e o uso comparativo de bases de dados podem tornar-se parte do equipamento de pesquisa padrão também para a lingüística teórica.

Outro fato a ser observado é a importância crescente da diversidade de bases de dados, i.é., a utilização de diferentes e múltiplas fontes de dados. Um exemplo da potencial utilidade de diferentes fontes de dados é encontrado no estudo da estrutura da sílaba e da (re)silabação tardia de Labov (1997). Ele considera a hipótese de que "a retenção de uma consoante final é

favorecida quando ela puder fazer parte do onset seguinte." Portanto, esperar-se-ia que a natureza do ambiente à direita, e particularmente o nível de sonoridade do segmento seguinte, afetasse a simplificação do grupo consonantal, sugerido na seção 3 acima. Na produção dos dados do dialeto da Filadélfia, essa hipótese é testada pela busca de indicações fonéticas da não-ocorrência do apagamento de *t/d* em final de palavra. De acordo com Labov, "muito da evidência é negativo. Ainda seria um sério erro defender que a ressilabação não acontece: ela não é um mito, mas uma realidade." A percepção, especificamente o papel da proeminência perceptual dos processos alofônicos em grupos de consoantes, é considerada como uma explicação alternativa (ao menos para a padronização inesperada do apagamento de *t/d* com glides). Essa idéia é testada pelo uso de *natural misunderstandings*, uma nova e inovadora fonte de dados no estudo da variação lingüística.

4.1.3 A inclusão dos mecanismos de probabilidade

A ferramenta mais popular para a manipulação da variação quantitativa é a regra variável, um tipo de análise estocástica, que está, por exemplo, sendo usada na abordagem GOLDVARB, muito popular nos estudos contemporâneos de variação. Pode-se considerar a análise estocástica como a estratégia ideal para formalizar a realidade lingüística, porque, como declara Abney "properties such as the gradualness of rule learning, the gradualness of language change, dialect continua, and statistical universals, make a great deal more sense if we assume weighted or stochastic grammars" (1996: 24).

A questão da integração da variação numa gramática é levada muito a sério por Guy (1997), que coloca a seguinte pergunta clássica dos estudos de variação: *se o output de uma gramática é categórico, como a heterogeneidade é ordenada, i.é., a variação estruturada, gerada?* Entre outras coisas, ele discute o tipo de modelos que supõem uma gramática de desempenho separado. Com base nos resultados de sua análise do processo variável do apagamento de *t/d* em final de palavra, argumenta ser suspeito que uma gramática de desempenho específica tenha efeitos es-

sencialmente idênticos aos da gramática de competência - um caso injustificado de *apartheid teórico*.

Nós vamos nos abster aqui de fazer uma avaliação técnica dos aspectos estatísticos envolvidos no tipo de análise GOLDVARB. Ao contrário, nós nos limitaremos a apontar uma confusão séria que existe com respeito a esse método de análise estatística, especialmente porque ela está relacionada a mecanismos de probabilidade em teorias fonológicas que não a do SPE, incluindo a TO. A análise de regra variável é de fato uma técnica estatística para modelar escolhas discretas - i. é., variáveis nominais - e o modo pelo qual essas escolhas são condicionadas (cf. Sankoff & Labov 1979). Como tal, a técnica estatística não é de maneira nenhuma dependente do conceito de regra. Ao contrário, a técnica de 'regressão logística,' como o tipo de método GOLDVARB é chamado no jargão estatístico, pode ser aplicado igualmente bem à análise de mecanismos ou estratégias de escolha para gramáticas em competição. Também significa que a análise de regra variável não resolve o problema de como incorporar mecanismos de probabilidade em gramáticas. A lingüística necessita ainda de propostas criativas e produtivas que tenham um encaixamento matemático e lingüístico. A disponibilidade de muitos tipos de dados sociolingüísticos e a perícia variacionista com o GOLDVARB oferecem um ponto de partida razoável para desenvolver propostas teóricas mais detalhadas sobre escolhas e fatores de condicionamento.

4.2 O teste empírico de teorias e modelos

Os dados da variação podem deixar às claras a utilidade de conceitos que são essenciais a um dado modelo ou teoria.

É interessante notar que quase não existe uma tradição em lingüística de testar teorias com dados comportamentais (com a exceção óbvia da pesquisa de aquisição da linguagem). Talvez, o exemplo mais conhecido na sociolingüística seja o estudo de Guy 1991, onde ele submete a teste seu modelo exponencial de apagamento de *t/d*. Anttila (1997) cita o esforço de Guy para atingir a precisão máxima na explanação da variação: "The development of models that have explanatory value in

this sense – models from which one can derive precise quantitative predictions – is one of the fundamental challenges facing our discipline” (Guy 1991: 1-2). Se Guy está certo, os dados quantitativos podem ter um papel vital ao testar teorias. Uma tradição sólida de testagem ainda precisa ser estabelecida em lingüística. Como fazer isso, pode-se aprender nas ciências sociais, que oferecem numerosos exemplos de como os modelos com componentes de probabilidade podem ser testados. Para dar um exemplo, Lave & March (1993) descrevem quatro modelos primários de pesquisa social. Eles discutem modelos para os fenômenos da escolha, troca, adaptação e difusão, que, também se relacionam à comunicação e ao comportamento da linguagem. Todos os modelos que eles apresentam incorporam mecanismos de probabilidade e, para cada um deles, o problema de como podem ser empiricamente testados é discutido. O melhor teste empírico no estudo da variação e da mudança claramente levantaria o status dos dados da variação.

4.3 A emergência e a estrutura dos contínuos da língua

A pesquisa sobre os contínuos lingüísticos tem uma tradição que é diferente da sociolingüística quantitativa. É uma tradição orientada por dados ligada à pesquisa de *code-switching* - mudança de código. Isso é demonstrado por Auer (1997b), que investiga restrições de co-ocorrência nos contínuos emergentes e existentes entre dialeto e língua padrão.

5. Conclusão

Dos muitos problemas e campos de pesquisa que são tópicos convenientes para posterior investigação, um número considerável foi discutido nas sessões prévias. Todavia, gostaríamos de mencionar duas áreas que, em nossa modesta opinião, são de particular interesse; ambas não têm recebido a merecida atenção dos estudiosos. Uma foi discutida em vários lugares neste capítulo introdutório, a ‘controvérsia neogramática’, em que, como acreditamos, algumas das essências da variação e da mudança fonológicas vêm juntas. Maior atenção poderia ser dada a essa área de pesquisa no futuro. Desejamos enfatizar a

produtividade da pesquisa no campo do contato de línguas. Em conexão com a pesquisa do contato entre línguas, mais especificamente entre fonologias que diferem muito em várias dimensões, mencionamos Singh (1996) que aponta para o lugar vital da Gramática Universal na fonologia de empréstimos. Resultados de pesquisa inspiradores são também obtidos nos estudos lingüísticos referentes à segunda geração de imigrantes, especialmente nas circunstâncias em que duas línguas não relacionadas são envolvidas, como mostrado em El Aisatti (1996), que descobriu indicações de perda da linguagem na produção, mas não na percepção, do árabe marroquino em marroquinos de segunda geração que vivem na Holanda.

É óbvio que a teoria formal e o estudo da variação e da mudança lingüísticas podem enriquecer uma a outra. Conforme Benincà (1992: 32,34) referindo-se à simbiose possível da geografia dialetal e da teoria sintática afirma: “Collecting data in function of a theory is advantageous for both elements at play: of course it is indispensable for the theory, which can be checked for being confirmed, improved, corrected or falsified on the basis of the data. But contrary to what one might think, it is also useful for the data, for if one has a theory to check, one is urged to look for a type of data that otherwise might have gone unnoticed or that might have remained completely unknown” (p. 34. Tradução de Hinskens, van Hout e Wetzels, 1997).

A análise estrutural profunda e a teoria lingüística podem também ser indispensáveis ao decidir se alguma coisa constitui ou não um caso de variação quantitativa. Singh & Ford (1989) reanalisaram cinco “assim chamados” processos variáveis. Eles acharam que somente um desses cinco processos é realmente variável (Singh & Ford 1989: 377), enquanto os outros resultam de uma falta de adequação descritiva. Por outro lado, como coloca Lloret (1997), os dados de variação podem ser um excelente meio “to cross-check the relevant postulates about a specific language and the relevant claims of a linguistic theory”. Para este fim, de acordo com Lloret, a metodologia da lingüística teórica necessitará ser acomodada de modo que ela não mais confie unicamente nos *atos sistemáticos e recorrentes*, i.

é. os dados regulares, mas também tome seriamente fatos não-sistemáticos e recorrentes, i. é. a regularidade parcial dos dados marginais”.

Entretanto, afora tais observações e recomendações metodológicas gerais, provavelmente não é possível revelar, em poucas considerações, como um balanço apropriado entre teoria e dados possa ser realizado no estudo da variação e da mudança fonológicas. Isto não é para ser interpretado como um subterfúgio. Antes, é a consequência da complexidade desse campo compartilhado específico da pesquisa. Nós sentimos que a resposta para a questão de como obter um balanço exato depende de muitos fatores diferentes, o mais importante dos quais é o objeto lingüístico em estudo.

Notas:

1. Para uma introdução aos diferentes componentes da fonologia não-linear mencionada aqui, bem como para uma discussão de suas raízes históricas, ver Goldsmith (1990) ou Kenstowicz (1994).
2. A maneira de dar conta do acento descrita aqui é típica de Liberman e Prince (1977). Desenvolvimentos posteriores incluem Prince (1983), que defende a teoria de uma 'grade-só, Halle & Vergnaud (1987) defendendo a teoria da 'grade parentizada', e Hayes (1991), que propõe que as línguas formem seus sistemas de acento selecionando um tipo de pé de um determinado conjunto universalmente muito limitado.
3. Para uma discussão das diferentes características de regras estritamente fonológicas e regras de morfofonologia, ver Pulleyblank (1986).
4. Sempre que usamos [α sonoro], referimo-nos a dois traços privativos *não-sonoro* e *sonoro* ou, na terminologia de Halle e Stevens (1971), *cordas vocais rígidas* e *cordas vocais distendidas*. Para motivação da idéia de que [-sonoro] e [+sonoro] representam traços monovalentes independentes, ver Wetzels (1994) e Mascaró & Wetzels (1999).
5. Ver McCarthy (1997) para uma justificativa de ordenamento universal baseado nas relações de subconjunto próprio entre restrições.
6. Uma segunda possibilidade de aliviar a ordem estrita da hierarquia de restrições é quantificar sua ordem. Zubritskaya (1997), que introduz um módulo de produção separado para captar propriedades probabilísticas da fala, propõe essa opção. Ainda não está claro se é realmente necessário estipular um módulo de produção independente na gramática para dar conta do padrão da variação quantitativa. Outro ponto que permanece obscuro é como conciliar o peso com o ordenamento completo.
7. Exceções importantes são, por exemplo, os estudos de *Sprachbünde* fonológicos por Jakobson (1930) e Lehiste (1978).
8. Cf. Hinskens (1992: 32-3) sobre tipos de explicação.
9. Guy defende um modelo de linguagem integrado, um modelo em que a competência e o desempenho não são relegados a módulos diferentes da gramática.
10. Ao invés de pré-nasalizado, pós-nasalizado, e médio-nasalizado, nós usaremos os termos menos comuns pré-oralizado, pós-oralizado, e circum-oralizado, respectivamente. Isto é para distinguir os sons de contorno como [m^b], [ʰm], [ʰm^b] do Kaingang, que não são derivados do espreadimento nasal, dos similares, os quais são derivados.
11. Outros exemplos de línguas que têm contornos triplos são Karitiãna (família Arikém) e, a um nível superficial de abstração, Uruewauwau (família Tupi-Guarani - ver Angenot & Sampaio 1996).
12. Do que precede não deve ser concluído que a ausência do contraste triplo /p, b, m/ em algumas línguas, necessariamente implica a existência de contornos nasais de superfície. Por exemplo, Umutina (família Bororo - Telles 1995), entre muitas outras línguas, não tem séries sonoras e ainda não tem segmentos de contorno. Também, a terminologia usada para definir os segmentos de contorno diferentes, sugere que seja atribuído status subjacente (fonêmico) para as consoantes nasais em Kaingang e em outras línguas. Esta

questão, no entanto, está longe de ser clara, como foi argumentado em Wetzels (1995), mas independente do fato importante tratado aqui, é que as línguas que têm segmentos de contorno do tipo discutido muito raramente, têm uma oposição fonêmica tripla entre /p, b, m/ etc.

13. Notemos que essa formulação implica que uma seqüência CL pode ser silabificada como um onset complexo através da fronteira de morfema ou de palavra se a sílaba seguinte for sem onset. Este parece ser o caso, testemunha o Francês [ka.trOm] de /katr Om/ *quatre hommes* 'quatro homens'. Além disso, as línguas diferem com relação ao domínio prosódico, no qual a evitação de sílabas sem onset é aplicável.
14. No presente, comumente referido como Inglês Vernacular Americano Africano ou Ebonics.
15. Cf. Auer & Hinskens (1996: 20-1). Comparemos também a discussão referente às explicações mentalísticas *bioprograma da língua* versus explicações sócio-históricas de similaridades estruturais, aliás, em muitos casos, entre línguas crioulas radicalmente diferentes (Bickerton 1984 e *open peer commentary* seguintes).

Referências

- Adelaar, W. (1986) "Over Nasaliteit in het Guarani". *Glottol* 9.155-76.
- Antilla, A. (1997) Deriving Variation from Grammar. In: Hinskens, van Hout e Wetzels. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 35-68
- Auer, P. (1997a.) Areale Variation und Phonologische Theorie: Überlegungen am Beispiel der Mitteldeutschen 'Epenthese'. *Varietäten des Deutschen. Regional- und Umgangssprachen* ed. by G. Stickel, 46-87. Berlin: De Gruyter.
- (1997b.) Co-Occurrence Restrictions between Linguistic Variables. A Case for Social Dialectology, Phonological Theory and Variation Studies. In: Hinskens, van Hout e Wetzels. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 69-99
- Auer, P. & F. Hinskens. (1996) "The Convergence and Divergence of Dialects in Europe. New and Not So New Developments in an Old Area". *Social Dialectology. The Convergence and Divergence of Dialects in Europe* ed. by Peter Auer, Frans Hinskens & Klaus Mattheier, 1-30. (= Sociolinguistica 1996).
- Avery, P. & K. Rice. (1993) "A Reexamination of the Feature [sonorant]: the Status of Sonorant Obstruents". *Language* 69.308-44.
- Bailey, C.-J. (1973) *Variation and Linguistic Theory*. Washington D.C.: Center for Applied Linguistics.
- 1982. *The Yin and Yang Nature of Language*. Ann Arbor: Karoma Publishers.
- Benincà, P. (1992) "Geolinguistica e sintassi". *Linguistici Italiani e Romanzi. Esperienze a confronto* ed. by G. Ruffino, 30-42. Palermo: Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani.
- Bloomfield, L. (1933) *Language*. London: Unwin (cited from the 9th reprint, 1969).
- Campbell, L. (1997) "Phonetics and Phonology". *Kontaklinguistik. Contact Linguistics. Linguistique de contact. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung. Na International Handbook for Contemporary Research. Manual international des recherches contemporaines. Volume I* ed. by H. Goebel, P. Nelde, Z. Stary & W. Wölck, 98-103. Berlin: De Gruyter.
- Chambers, J. (1995) *Sociolinguistic Theory*. London: Blackwell.
- Chambers, J. & P. Trudgill. (1980) *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chomsky, N. & M. Halle. (1968) *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row.
- Clements, G.N. & S. Herz. (1995) "An Integrated Model of Phonetic Representation in Grammar". Ms., Centre National de la Recherche Scientifique and University of Paris III, Eloquent Technology, Inc. and Cornell University.
- Crofts, M. (1993) *Gramática Mundurukú*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

- DeCamp, D. (1970) "Is a sociolinguistic theory possible?" and subsequent "Discussion", *Report on the twentieth annual round table meeting on linguistics and language studies* ed. by J. Alatis, 157-73. Washington D.C.: Georgetown University Press.
- El Aissati, A. (1996) *Language Loss Among Native Speakers of Moroccan Arabic in the Netherlands*. Ph.D dissertation, University of Nijmegen.
- Everett, D. & B. Kern. (1998) *Warí: The Pacaas Novos Language of Western Brazil*. London: Routledge.
- Gabas, N. Junior. (1989) "Estudo Fonológico da Língua Karo de Rondônia". Master's thesis. Universidade Estadual de Campinas, Brazil.
- Goldsmith, J. (1990) *Autosegmental and Metrical Phonology*. London: Basil Blackwell.
- (1992). "A Note on the Genealogy of Research Traditions in Modern Phonology". *Journal of Linguistics* 28. 149-63.
- Gudschinsky, S., H. Popovich & F. Popovich. (1970) "Native Reaction and Phonetic Similarity in Maxacali Phonology". *Language* 46.77-88.
- Guy, G. (1991) "Explanation in Variable Phonology". *Language Variation and Change* 3.1-22.
- (1997) *Competence Performance, and the Generative Grammar of Variation*. In: Hinskens, van Hout e Wetzels. *Variation, Change and Phonological Theory*. Amsterdam/Phildalphia: John Benjamins. 125-143
- Hinskens, F. (1992) *Dialect levelling in Limburg. Structural and sociolinguistic aspects*. Ph.D dissertation, University of Nijmegen (a revised and abridged version was published under the same title by Niemeyer, Tübingen, in 1996).
- (1995) "What can Sociolinguistics Offer Phonological Theory – and Vice Versa?" Ms., University of Nijmegen.
- (1996) "Nacht in Kerkrade. Dorsale fricatief deletie em woordfinale t-deletie in Ripuarische dialecten van het Nederlands". *Taalvariëties. Toonzettingen em modulaties opeen thema*. Feestbundel ter gelegenheid van de zestigste verjaardag van Ton Hagen ed. by R. van Hout and J. Kruijssen, 127-42. Dordrecht: Foris.
- Hinskens, F. & R. van Hout (1994) "Testing Theoretical Phonological Aspects of Word-final (t)- Deletion". *Verhandlungen des Internationalen Dialektologenkongresses Bamberg 1990. Band 3* ed. by W. Viereck, 297-310. ZDL- Beiheft 76. Stuttgart: Steiner.
- Hooper, J. (1976). *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press.
- Kiparsky, P. (1988) "Phonological Change". *Linguistics. The Cambridge Survey. Volume I* ed. by F. Newmeyer, 363-415. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1993). "Variable Rules". Paper Presented at the Rutgers Optimality Workshop # 1. New Brunswick, NJ.
- (1995). "The Phonological Basis of Sound Change". *The Handbook of Phonological Theory* ed. by J. Goldsmith, 640-70. Cambridge, Mass.: Blackwell.
- Klavans, J. & P. Resnik. eds. (1996). *The Balancing Act. Combining Symbolic and Statistical Approaches to Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Kroch, A. (1978) "Toward a Theory of Social Dialect Variation". *Language in Society* 7.17-36.
- Labov, W. (1996) *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics.
- (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- (1975) *What is a Linguistic Fact?* Lisse: Peter de Ridder Press.
- (1981) "Resolving the Neogrammarian Controversy". *Language* 57.267-308
- (1994) *Principles of Linguistic Change. Vol. I Internal factors*. Oxford: Blackwell.
- Lave, Ch. & J. March. (1993) *An Introduction to Models in the Social Sciences*. Lanham: University Press of America.

- MacWhinney, B. (1995) *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Mascaró, J. & L. Wetzels. (1999) "The Typology of Voicing and Devoicing". Ms. Universidad Autónoma de Barcelona. Universidad Livre de Amsterdam.
- Martins, V. (1995) "A Classificação Interna da Língua Maku". Ms., UNIR, Guajará Mirim, Brazil.
- McCarthy, J. & Prince. (1994) "Emergence of the Unmarked; Optimality in Prosodic Morphology". *North-Eastern Linguistic Society* 24. 12-45
- Nagy, N. & W. Reynolds. (1997) "Optimality Theory and Variable Word-Final Deletion in Faetar". *Language Variation in Change* 9. 37-55
- O'Grady, W., M. Dobrovolsky & M. Aranoff. (1997) *Contemporary Linguistics. An Introduction*. Third Edition. New York: St. Martin's Press.
- Prince, A. & P. Smolensky. (1993) *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Ms., Rutgers University, N.J. and University of Colorado at Boulder.
- Reynolds, W. (1994) *Variation and Phonological Theory*. Ph.D. dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- Sankoff, D. (1987) "Variable Rules". *Sociolinguistics / Soziolinguistik. An International handbook of the science of language and society / Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft* ed. by U. Ammon, N. Dittmar & K. Mattheier, 984-97. Berlin: De Gruyter.
- Sankoff, D. & W. Labov. (1979) "On the Uses of Variable Rules". *Language in Society* 8. 189-222.
- Scheutz, H. (1987) "Lautwandel". *Sociolinguistics / Soziolinguistik. An International handbook of the science of language and society / Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft* ed. by U. Ammon, N. Dittmar & K. Mattheier, 1603-14 Berlin: De Gruyter.
- Singh, R. (1996) "Rethinking the Relationship Between Phonology and Loan Phonology". *Folia Linguistica* XXIX (3-4). 395-405
- Singh, R. & A. Ford. (1989) "A closer look at so-called variable processes". *Language Variation and Change* ed. by Fasold & D. Schiffrin, 367-80. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- Smith, R. & C. Smith. (1971) "Southern Barasano Phonemics". *Linguistics* 78. 80-85
- Stemberger, J. (1992) "Phonology: external validation". *International Encyclopedia of Linguistics*. Vol. 3 ed. by W. Bright, 220-22. New York, Oxford: Oxford University Press.
- Steriade, D. (1993) "Closure, Release and Nasal Contours". *Phonetics and Phonology* 5. 401-69.
- Venneman, T. (1972) "On the Theory of Syllabic Phonology". *Linguistische Berichte* 18. 1-18.
- Weinreich, U. (1954) "Is a structural dialectology possible?" *Word* 10. 388-401
- Wetzels, W. L. (1985) "The Historical Phonology of Intrusive Stops. A Nonlinear description". *Canadian Journal of Linguistics*. 30. 285-333.
- _____. (1994) "De Fonologie van Stem [The Phonology of Voice]". Inaugural Discourse Delivered at the Free University of Amsterdam. Ms. Vrij Universiteit Amsterdam.
- _____. (1995) "Contornos Nasais e Estrutura Silábica em Kaingang". *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras* ed. by L. Wetzels, 265-96. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.